

Maria Teresa Tedesco V. Abreu
y Cristina Normandia

teresatedesco@uol.com.br; cnormandia@yahoo.com.br

A atividade discursiva realizada no *Facebook*: um emergente gênero discursivo hipertextual

Resumo

A rede social *Facebook* é um site popular muito utilizado para o entretenimento e, também, para as interações de informações. Assim, se percebe, principalmente, nos comentários postados, no site, uma «troca» de pontos de vista sobre temas diversos, que vão de um subjetivo comentário sobre uma foto até o posicionamento crítico sobre fatos ligados ao contexto social e político. Essa troca legitima o popular site como ambiente livre para expressão da opinião. Questiona-se: o *Facebook* é um gênero discursivo? Para responder a esta pergunta, este artigo analisa a sequência textual de comentários publicados, no *Facebook*, especificamente, em um perfil pessoal. Propõe-se a discutir sobre o processo de compreensão e de produção textual em comentários publicados no ambiente social do *Facebook*, considerando, especificamente, dois fenômenos linguístico–discursivos: a intertextualidade e a referenciação, responsáveis pela (re)construção de sentidos no texto (Koch, 2002, 2014). Teoricamente respaldado na língua como lugar de interação, o primeiro está associado ao conhecimento de mundo do sujeito enunciativo; o segundo, ao conhecimento linguístico. A análise indica o site popular como um profícuo lugar de interação.

58 { texturas 16

Palavras–chave

{ *Facebook*, linguagem hipertextual, referenciação,
intertextualidade }

Resumen

La red social *Facebook* es un sitio popular muy utilizado para el entretenimiento y también para las interacciones de información. Así se percibe, principalmente en los comentarios publicados en el sitio, un «intercambio» de puntos de vista sobre temas diversos, que van desde un subjetivo comentario sobre una foto hasta el posicionamiento crítico sobre hechos que forman parte al contexto social y político. Este intercambio legitima el popular sitio como ambiente libre para la expresión de la opinión. Se pregunta: *¿Facebook es un género discursivo?* Para contestar a la cuestión, este artículo analiza la secuencia textual de comentarios publicados en *Facebook*, específicamente en un perfil personal. Se propone discutir sobre el proceso de comprensión y de producción textual en comentarios publicados en el ambiente social de *Facebook*, considerando puntualmente dos fenómenos lingüístico–discursivos: la intertextualidad y la referenciación, responsables de la (re)construcción de sentidos en el texto (Koch, 2002, 2014). Teóricamente respaldado en la lengua como lugar de interacción, el primero está asociado al conocimiento de mundo del sujeto enunciador; el segundo, al conocimiento lingüístico. El análisis indica el sitio popular como un provechoso lugar de interacción.

Palabras clave

{ Facebook, lenguaje hipertextual, referenciación, intertextualidad }

59 { texturas 16

○ *Facebook*: alegações iniciais

No Brasil, especialistas como Marcuschi e Xavier (2010), Raquel Recuero (2014), Lúcia Santaella (2004/07/14) e Tânia Saliés (2013), entre outros, se debruçam em discutir fenômenos linguísticos inerentes às práticas de linguagem, em ambientes virtuais. Mas, como estes ambientes e suas atividades discursivas são voláteis e se reconstróem, constantemente, há, a necessidade de outras reflexões sobre as atividades discursivas vigentes na *Internet*, em particular as atividades linguísticas ocorridas no site de entretenimento *Facebook*.

O *Facebook* é um sistema hipertextual, que, de acordo com Santaella (2004), é uma das qualidades da linguagem hipermídia, juntamente, com o hibridismo e a interatividade. Este sistema hipertextual contém três ações de entretenimento: o «Curtir», o «Comentar», e o «Compartilhar». Cada uma destas ações multiplica as possibilidades de conexões de um grande número de pessoas, que podem se conhecer ou não, tornando este ambiente social um significativo canal de divulgação da informação e, em contrapartida, de formação de pontos de vista.

{ maria teresa
tedesco v. abreu y
cristina normandia }
{ a atividade
discursiva realizada
no Facebook }
{ pp. 58–75 }

A respeito destas ações, Recuero (2014) explica que o «Curtir» é um ato de vários sentidos, um deles é o que indica apoio para alguma postagem na rede social. Sobre esta ação, observa-se o quanto ela é significativa, no *Facebook*. O número de curtidas pode conotar o grau de prestígio de um interagente. Por isso, quanto maior o número de curtidas numa postagem, mais destaque se adquire num grupo social. Isto para os jovens, particularmente, para os adolescentes, é importante.

Já acerca da ação de compartilhar, Recuero diz que este gesto aumenta e propaga a visibilidade de uma mensagem. Algo que nos dá a real dimensão da propagação da informação em rede. Numa fantástica velocidade, qualquer informação é divulgada no mundo todo. Um exemplo disto foi a morte do cantor americano Michael Jackson, em 2009. O mundo tomou conhecimento da morte do cantor pelas redes sociais, antes mesmo dos canais televisivos. Vulgarmente, esta rapidez no compartilhamento das informações é comparada à contaminação de um vírus, por isso, é comum se ouvir que uma informação qualquer «viralizou» na *Internet*.

Por último, as postagens de «Comentários», que podem ser textos verbais ou ainda sonoros. Estes textos sinalizam tanto para uma expressão subjetiva sobre alguma postagem, como um elogio para uma imagem —«lindaaa»— quanto para a exposição de um ponto de vista sobre algum fato genérico. Recuero (2014: 120) destaca que a ação de comentar apresenta uma essência conversacional: «o comentário compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto». Neste sentido, exemplifica-se esta participação efetiva com a publicação de comentários, citando as intensas discussões sobre a crise política brasileira que vem ocorrendo no *Facebook*. Por causa destes comentários «apaixonados» no site social, muitas amizades foram perdidas. Os embates políticos, no Brasil, que se iniciaram em 2014, não foram percebidos somente nas manifestações de rua, nas grandes cidades brasileiras, mas, principalmente, nas redes sociais, como o *Facebook*. Como numa «conversação», as pessoas opinam textualmente, ou não, sobre qualquer acontecimento.

Com isso, as sequências textuais do *Facebook* despertaram a atenção de pesquisadores de domínios linguístico, pois, a prática da linguagem, neste site social, apresenta algumas semelhanças com a prática oral e escrita, determinando o *continuum* nos usos da língua. Esta prática da linguagem se realiza num sistema hipertextual, que difere de outros hipertextos, por causadas «interações virtuais desterritorializadas», como postula Koch (2002:63). À vista disto, Xavier e Santos propõem que o hipertexto, em ambientes virtuais:

é capaz de viabilizar a integração e afusão das duas modalidades de uso da língua (oral e escrita) em uma mesma superfície verbo-visual-auditiva de forma ubíqua e simultânea. Assim, derivado das formas de «textualização» anteriores, o texto eletrônico parece reconfigurar os gêneros discursivos pelos quais a fala e a escrita se materializam. (2000:52)

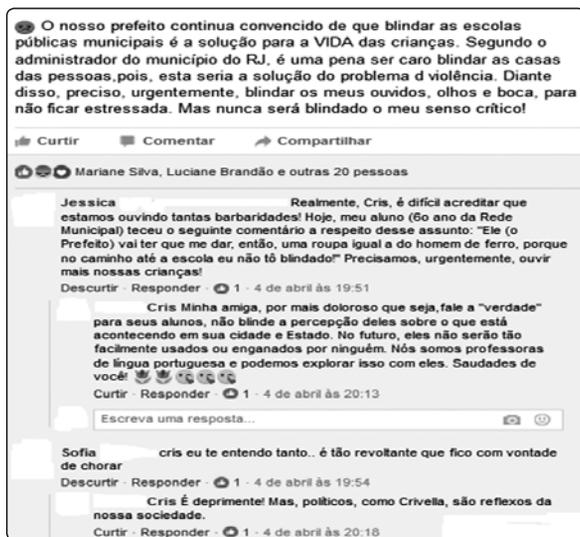
Nesta perspectiva, considerando as premissas básicas expostas inicialmente, apresentam-se dois grandes conjuntos de discussão, a saber: no primeiro, analisa-se um exemplar do *Facebook*, em suas especificidades, considerando os recursos da linguagem hipertextual inerentes ao seu processo discursivo. Para este fim, tomam-se dois exemplares textuais —o texto base, que permite a discussão proposta— e os comentários postados, que se interrelacionam com o texto base; no segundo, amplia-se a discussão sobre gênero, levantando alguns questionamentos no que tange à modalidade e o gênero discursivo, propriamente. Finalmente, apresentam-se algumas considerações finais no que tange ao aspecto emergente e hipertextual do gênero em análise: o *Facebook*, seguido das referências bibliográficas.

○ *Facebook*: a linguagem hipertextual

Para atender aos objetivos delineados, propomos a análise um texto publicado, recentemente, na rede social *Facebook*. Trata-se de um comentário publicado pela interactante Cris, em seu perfil social, em que a mesma fez uma observação crítica a respeito da proposta do Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella. O governador sugeria blindagem das escolas públicas municipais, com o objetivo de propiciar a segurança para os alunos destas escolas, que se encontram, normalmente, em regiões carentes e violentas da cidade. O texto publicado por Cris obteve um total de vinte uma curtidas e nove comentários. Aqui serão analisados, apenas, dois comentários publicados por interactantes, sobre o texto de «Cris». Tais interactantes fazem parte do grupo de amigos de «Cris». O conteúdo textual destes comentários possibilita realizar as premissas sinalizadas, anteriormente. Logo, propomos a Figura 1 com as sequências textuais dos comentários.

Descrevendo a Figura 1, temos, na sua parte superior, a sequência textual da interactante «Cris». Em seguida, alguns nomes de pessoas que curtiram a publicação e ainda o número de pessoas que curtiram o conteúdo do comentário de «Cris», num total de 20 pessoas. Mais abaixo, podemos observar quatro sequências textuais distintas: o comentário de Jessica, o comentário de Cris (a mesma que publicou o texto na parte superior da Figura 1), o comentário de Sofia e, mais uma vez, o comentário de Cris. Para entender esta atividade discursiva, é interessante começarmos tratando da linguagem hipermídia, que impera na *Internet*, pelo seu sentido denotativo.

Figura 1.
Comentários publicados por Cris e demais interagentes



62 {texturas 16

O termo «hipermídia», em Houaiss, Villar e Franco (2009:1024), apresenta duas acepções associadas entre si. A primeira se refere ao sistema de exibição de informações mediante o computador, que possibilita o acesso a documentos diversificados de estrutura textual, imagética ou sonora. A segunda acepção dicionarizada se refere à própria forma da hipermídia, a descrevendo como hipertexto. Então, a linguagem hipermídia é uma linguagem hipertextual, levando-nos a postular que a atividade discursiva do *Facebook*, como podemos visualizar na Figura 1, se manifesta hipertextualmente, isto é, com base no texto, na imagem ou no som. Este, sem exageros, é o grande diferencial da comunicação digital, em relação a outras formas de interação social pela linguagem, a possibilidade de nos manifestarmos e nos expressarmos textualmente, visual e sonoramente, nos conectando de vez aos ambientes virtuais da *Internet*. Filosoficamente, Santaella reflete sobre a linguagem hipermídia:

Como se verá, linguagens antes consideradas do tempo —verbo, som, vídeo— espacializam-se nas cartografias líquidas e invisíveis do ciberespaço, assim como as linguagens tidas como espaciais, imagens, diagramas, fotos —fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos. Já não há lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades. Texto, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se,

{ maria teresa
tedesco v. abreu y
cristina normandia }
{ a atividade
discursiva realizada
no Facebook }
{ pp. 58–75 }

*confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. (...)
Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes
emprestavam. (2007:24)*

Assim, postula-se que a linguagem hipermídia dos gêneros discursivos, em ambientes virtuais, se caracteriza pela integração de textos verbais, não verbais e audíveis. São três meios de concretização da linguagem que, como, belamente, observa Santaella (2007) «confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se», rompendo com a linearidade que estamos habituados a perceber nos gêneros discursivos que se realizam fora do ciberespaço, como os livros e os jornais impressos, por exemplo.

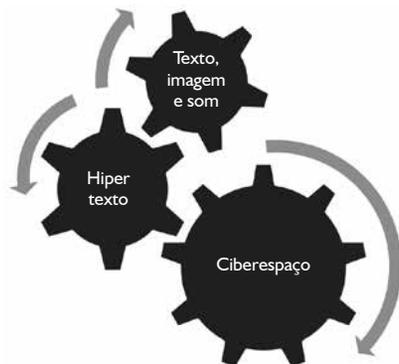
Lévy, ao tratar da «codificação digital», que diz respeito ao modo de reproduzir as informações, no ciberespaço, a relaciona com a especificidade hipertextual do ciberespaço:

Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. (2010:95)

Sobre isto, Macuschi (2001) acrescenta que o desenvolvimento desta «codificação digital», pode ser entendida como o desenvolvimento de uma «escrita colaborativa» que é alusiva à produção hipertextual. Santos e Tedesco (2015) juntam-se a Macuschi (2001), quando propõem para esta prática da língua em redes sociais, como o Facebook, o conceito de «escrita em rede», que identifica a qualidade coletiva e não sequencial em um espaço hipertextual. Desta maneira, nos gêneros discursivos digitais de linguagem hipermídia, tem-se:

63 { texturas 16

Figura 2.
Gêneros discursivos digitais de linguagem hipermídia



{ maria teresa
tedesco v. abreu y
cristina normandia }
{ a atividade
discursiva realizada
no Facebook }
{ pp. 58–75 }

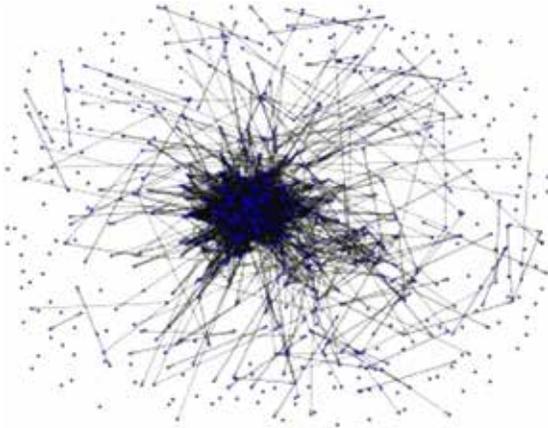
Considerando a interrelação das noções acima, observa-se, no ciberespaço, que o hipertexto rompe com a linearidade nas práticas sociais da linguagem quando conecta num grande texto: o textual, a imagem e o som, justamente o que ocorre no Facebook. Isto evidencia a grandeza interativa deste texto constituído por descontínuos e múltiplos links e «nós», conforme nos sinaliza Santaella:

Nós e nexos associativos (links) são os tijolos básicos da construção do hipertexto. Os nós são suas unidades básicas de informação. Nós de informação, também chamados de «molduras», consistem em geral naquilo que cabe em uma tela. «Ao ser acessado», o espaço da página, que deve se fazer entender por si só, compreende o espaço entre o início da leitura e a próxima possibilidade de vincular documentos, ou seja, o próximo link. (2014:307)

Os textos, os vídeos e os sons são links, ou nós, de informações. Logo, o interagente no hipertexto «navega» em links para obter e para interagir a informação, sendo construída, pois, uma rede de dados. Portanto, o que é Facebook? É um imenso texto constituído por links verbais e não verbais que levam o interagente a «navegar» em diversos temas e estilos de informações, que justificam o propósito da comunicação digital: o entretenimento em rede. O entretenimento ou a conexão de muitos com muitos. A imagem a seguir, proposta por Recuero¹ (2011) traduz concretamente o entretenimento da informação em rede:

64 { texturas 16

Figura 3.
Entretenimento da informação em rede



{ maria teresa
tedesco v. abreu y
cristina normandia }
{ a atividade
discursiva realizada
no Facebook }
{ pp. 58–75 }

Na demonstração da imagem se percebe a diversidade de conexões realizadas durante a «navegação» no *Facebook*. Cada «pontinho» é um *link*, uma informação, que leva a outras informações, representando um emaranhado de dados textuais, visuais ou sonoros, que se efetuam nestesite social, principalmente, nas ações de Comentar. Aliás, cada interactante é um *link* de informações no *site* social.

O *Facebook* com seus perfis pessoais e públicos possibilitam que seus interactantes curtam ou comentem ou ainda compartilhem —concomitantemente ou não— *links* textuais (entrevistas, jornais), visuais (fotos e vídeos) ou sonoros (músicas) sobre temas variados. E estes perfis são, também, *links* deste complexo gênero discursivo hipertextual. Recuero (2014:115) define estas ações de interação do *Facebook* de «usos conversacionais», pois, para a autora há nestas ações «uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim, que é aquele da conversação», como podemos visualizar na Figura 1.

Enquanto a proposta de Recuero (2014) expõe a essência conversacional das ações de entretenimento do *Facebook*, que são próprias do sistema hipertextual, as autoras Carvalho e Kramer (Sherpherd & Saliés, 2013:84) destacam que a mensagem publicada em redes sociais, como o *Facebook*, «é intencionalmente dirigida ao público alvo», além disso, elas observam que «é possível perceber que as redes sociais proporcionam uma aproximação entre o enunciador e o receptor da mensagem, pela natureza dos relacionamentos nas redes sociais». Estas postulações fazem uma descrição de elementos, que revelam as nuances da linguagem do hipertexto. Como se poderever no exemplo da Figura 1.

Relembrando o conteúdo do texto publicado por «Cris», o comentario se refere à proposta do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, de blindar as escolas públicas municipais que se encontram em comunidades ou em favelas, com o objetivo de «proteger» os alunos dos frequentes tiroteios ocorridos no entorno das escolas.

Primeiro, destacamos, abaixo, o texto publicado por «Cris» que motivou a interação de outros interactantes:

{ Comentário base:

O nosso prefeito continua convencido de que blindar as escolas públicas municipais é a solução para a VIDA das crianças. Segundo o administrador do município do RJ, é uma pena ser caro blindar as casas das pessoas, pois, esta seria a solução do problema da violência. Diante disso, preciso, urgentemente, blindar os meus ouvidos, olhos e boca, para não ficar estressada. Mas nunca será blindado o meu senso crítico!

Vamos propor esse comentário como sendo o comentário principal, o texto-base, que, serve de *input* para os comentários de outros participantes, como os que destacamos a seguir, que serão numerados para fins de organização. O primeiro é da interactante Jéssica:

{ Comentário 1:

Realmente, Cris, é difícil acreditar que estamos ouvindo tantas barbaridades! Hoje, meu aluno (6o ano da Rede Municipal) teceu o seguinte comentário a respeito desse assunto: «Ele (o Prefeito) vai ter que me dar, então, uma roupa igual a do homem de ferro, porque no caminho até a escola eu não tô blindado!» Precisamos, urgentemente, ouvir mais nossas crianças!

Em seguida, Cris responde à Jéssica:

{ Comentário 2:

Minha amiga, por mais doloroso que seja, fale a «verdade» para seus alunos, não blinde a percepção deles sobre o que está acontecendo em sua cidade e Estado. No futuro, eles não serão tão facilmente usados ou enganados por ninguém. Nós somos professoras de língua portuguesa e podemos explorar isso com eles. Saudades de você!

Em seguida, há o terceiro comentário da interactante «Sofia»:

{ Comentário 3:

cris eu te entendo tanto.. é tão revoltante que fico com vontade de chorar

Ocorre, em seguida, a resposta de Cris para Sofia:

{ Comentário 4:

É deprimente! Mas, políticos, como Crivella, são reflexos da nossa sociedade.

O exemplo acima reflete que o *Facebook* é um espaço democrático para expressão da opinião. Percebe-se que os comentários publicados pelos interactantes organizam uma sequência textual que estão orientados pelo texto base de «Cris». Podemos observar que «Cris» tanto é autora quanto é leitora, porque ela é foi a produtora/escritora do texto base e, também, é leitora dos textos dos interactantes que são seus amigos do site social. Ao ler, «Cris» responde, produzindo novos comentários de perfil responsivo. E cada resposta se direciona para um interactante distinto. É estabelecida, nesta interação coletiva, uma alternância de papéis discursivos que constitui numa distinta característica da linguagem hipertextual: a alternância recorrente de autor-leitor ou vice-versa. Marcushi observa:

Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônico multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita. (2001:86)

Logo, no *Facebook*, os participantes são escritores e leitores, simultaneamente. Sendo assim, mais um elemento se apresenta e expõe o processo de interatividade nesta rede social.

Faz-se necessário advertir, porém, que esta concomitância de autor-leitor pode ocorrer de modo assíncrono ou síncrono, aspecto este essencial para definir uma diferença da conversação face a face. A conversação demanda um processo de troca de informação síncrona, pois, é executada num mesmo tempo. Por conseguinte, não há tempo para os participantes fazerem um planejamento da informação, como ocorre em redes sociais como o *Facebook*, porque, neste ambiente virtual, o interactante é escritor e leitor, o que não ocorre na conversação. Na conversação, ocorre a decodificação e a compreensão sincrônica da mensagem. São dinâmicas diferentes que demanda dos sujeitos domínio de conhecimento que vai além do linguístico. Estes atos distintos de práticas sociais distintas da linguagem requisitam o conhecimento sociointeracional, que, segundo Koch (2002:48): «é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem».

Além deste aspecto, a conversação face a face é real, não é virtual. No real, muitos elementos estão imbricados na conversação como as mudanças fisionômicas, o gestual, a entonação, as interrupções durante as trocas de turnos, por exemplo. Estes elementos não são percebidos no exemplo acima porque cada interactante respeita o seu turno e o turno de seu interlocutor, ainda que tenhamos um jogo de par adjacente de perguntas e respostas. Neste sentido, observa-se, nesta atividade discursiva, aspectos emergentes da conversação, a saber: a troca de turnos, em que os comentários são digitados por vez —«fala um por vez» (Marcuschi, 2007:19)— que, de acordo com Herring e Saliés:

Qualquer pessoa pode tomar o turno em uma conversa on-line se simplesmente posta uma contribuição em um fórum de discussão; a mensagem é assim distribuída pela rede na ordem em que foi recebida, e quem a postou sustenta o turno, presumivelmente, pela duração de tempo que os outros participantes levam para ler a mensagem. (Shepherd e Saliés, 2013:95)

Entretanto, na conversa informal, esta troca de turno se sobrepõe, causando muitas vezes, um possível não entendimento entre os interactantes. No *Facebook*, ainda que tenhamos esta estreita relação, diferentemente do que ocorre na modalidade escrita da língua, esta superposição não ocorrerá.

Para corroborar o que ora é apresentado, trazemos a Bakhtin, que postula ser a conversação um gênero simples, pois:

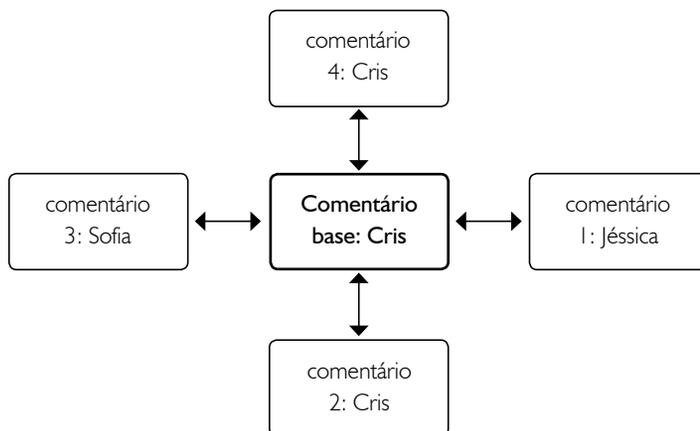
Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. (2010:275)

Há na troca de comentários no *Facebook* uma precisão, uma simplicidade e também uma conclusividade fragmentária que estão associadas à conversação, características os quais reforçam a percepção de *continuum* entre os gêneros.

Marcuschi (2001) compreende esta fragmentação presentes em gêneros discursivos hipertextuais como um estilo, de perfil rápido e deslinearizado. Logo, a fragmentação é um dos aspectos que define o estilo e a estrutura composicional do *Facebook*. Desta forma, considerando o exemplo proposto, poderíamos representar a interação hipertextual da rede social como na imagem a seguir:

Figura 4.

○ Sistema Hipertextual do *Facebook*



O esquema demonstra que o sistema hipertextual do *Facebook* é construído de modo coletivo, fragmentado e não-linear. Em outras palavras, a troca de comentários entre as interactantes, no exemplo dado, revela que a ruptura da linearização se concretiza nestas distintas seqüências textuais, porque as mesmas praticam durante a particular atividade discursiva funções tanto de escritor quanto de leitor. Isto mobiliza o sistema cognitivo, para que se reconheça nesta prática da linguagem a existência de uma «hibridização discursiva» (Santaella, 2014, 2010).

A hibridização discursiva é conhecida pelos conceitos de «letramento digital» ou «alfabetização informacional», de acordo com Santaella. O letramento digital ou alfabetização informacional significa que os gêneros discursivos digitais levam à necessidade de apreender a ler e a escrever hipertextualmente. Portanto, Marcuschi conclui:

O hipertexto é também um bom momento para se refletir de maneira sistemática sobre o contínuo das relações entre oralidade e escrita e o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica. Isto é surpreendente quando se observa que a questão é respondida no contexto do meio eletrônico mais avançado e mais promissor em termos de produção e veiculação de discursos na forma escrita. (2001:109)

Observamos que o hipertexto não é uma situação nova, entretanto, essa característica textual é a base de uma comunicação contemporânea que não é simplificada em uma prática social ou outra, pois, demanda do interactante o acionamento do sistema cognitivo que possibilita, por exemplo, as amigas de Cris, Jéssica e Sofia, entenderem a informação publicada na sua página de perfil do *Facebook* e, conseqüentemente, para responderem e opinarem de modo coerente com o tema que estava sendo tratado no comentário base (texto base).

Como se sabe, a linguística textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929) de que um texto possaser entendido isoladamente. Sabe-se que um texto está sempre em conexão com outro. Para análise proposta, toma-se Verón (1980) que, de uma perspectiva sócio-semiológica, considera três dimensões desta conexão, a que denomina princípios de intertextualidade.

- a} A produção de sentidos é sempre intertextual no interior de um determinado universo discursivo.
- b} Este princípio da intertextualidade aplica-se também entre domínios discursivos diferentes.
- c} No processo de construção discursiva, há uma relação intertextual com outros discursos relativamente autônomos.

Estas três dimensões estão exemplificadas no texto em análise, o texto – base, que se constitui um novo universo discursivo que toma um outro domínio discursivo que diz respeito a uma declaração amplamente divulgada na mídia televisiva do Prefeito do Rio de Janeiro, o excelentíssimo Prefeito Marcelo Crivella, por ocasião da morte de uma aluna de Escola Municipal de Acari, quando de uma incursão de policiais perto daquela unidade escolar.

Logo, o universo discursivo do *Facebook* traz a baila a tal declaração, intertextualmente falando, na postagem de «Cris». Há alguns conhecimentos sobre a postagem que têm de ser inferidos pelos leitores para o entendimento pleno do texto. Nesta rede discursiva, os discursos são, de fato, relativamente autônomos, porque se constituem em pontos de vista dos diferentes enunciadores que assumem este protótipo de conversação. Na verdade, as redes hipertextuais vão sendo abertas e várias informações vão sendo entendidas, como por exemplo, são docentes, estão indignadas, parecem ter alguma intimidade, ou pelo menos, já se conhecem há algum tempo.

Além dessas janelas que vão se abrindo no texto, observa-se também, a progressão

textual do novo universo discursivo que vai se construindo entre o texto–base, os comentários dos enunciadores, não só na réplica como na tréplica de «Cris». Na verdade, o turno permanente é da «Cris» e esta enunciativa vai costurando «os nós» deste discurso, absolutamente coerente, nas trilhas intertextuais que vão sendo edificadas.

Logo, seria possível postular a condição discursiva do *Facebook* como um gênero terciário, que abrange as características da modalidade oral, conforme já descrito e da modalidade escrita, pois há todo um uso dos estratos morfossintáticos da língua afeitos ao uso mais informal da escrita. Um exemplo desses estratos é o uso de vocativos que denota a caracterização de conversa, predominante no conjunto discursivo que se estabelece entre os textos: o comentário principal e os demais comentários advindos daquele primeiro.

Assim, se todo o texto é um objeto heterogêneo que traz uma relação profunda entre o seu interior e o seu exterior (Koch, Bentes, Cavalcante, 2007), a construção do gênero *Facebook* se dá em forma intertextual ampla, o que permite corroborar a afirmação de que há na construção do hipertexto uma extrema complexidade.

Reflexão a respeito do gênero hipertextual *Facebook*

Na seção anterior, tratamos da linguagem hipermídia ou hipertextual, analisando o comentário da interactante Cris, que se referia à blindagem das escolas públicas do município do Rio de Janeiro, proposto pelo Prefeito Marcelo Crivella, em abril de 2017. O comentário publicado pela interactante Cris foi considerado o texto base, o qual motivou a publicação de novos comentários sobre esse mesmo assunto. Assim, observamos que tais sequências textuais organizam a estrutura hipertextual do *Facebook*, determinando uma das especificidades do gênero hipertexto. As outras, aqui, sinalizadas foram:

- a} a conexão de três meios híbridos: o texto, a imagem e o som;
- b} a ruptura da linearização com os *links*;
- c} a simultaneidade de funções do interactante no processo de interação no *Facebook*, em que este é escritor e leitor;
- d} a verificação do aspecto *continuum* no hipertexto, que evoca estratégias associadas à modalidade oral, principalmente, com o perfil fragmentado dos comentários.

Esses dados, por si só, já nos orientam para deduzirmos que a linguagem hipertextual, que está inerente em ambientes virtuais como o *Facebook*, é um gênero discursivo emergente, o qual resultou do aperfeiçoamento de atividades discursivas primárias e secundárias. Tedesco observa:

A interação, portanto, é a essência da comunicação, «do se querer dizer». Logo, as redes sociais, um dos tipos de esferas sociais existentes, exemplificam de forma plena esse processo. Cada esfera social terá seu tipo de enunciado;

a esfera do trabalho tem seus enunciados específicos, assim como a escola, as artes, as ciências, as leis, as tecnologias, a internet e as redes sociais, de modo geral. (Simões, 2013:481)

A observação de Tedesco reitera o que ocorre na rede social *Facebook*. A existência de enunciados que apontam para um «querer dizer» relacionado a uma esfera social das mídias. Consoante a uma situação comunicativa e a um propósito comunicativo, estes enunciados se concretizam na linguagem hipertextual, a qual de modo híbrido, une o texto, a imagem e o som. É interessante, também, destacar a questão da virtualidade do hipertexto com Marcuschi, que está ligada à esfera social das mídias digitais:

Rigorosamente, o hipertexto não é um texto fisicamente realizado, mas uma virtualidade. Contudo, pode-se inverter a assertiva e dizer que assim como o hipertexto virtualiza o concreto ele concretiza o virtual. É provável que neste ponto esteja uma das diferenças essenciais entre o texto impresso e o hipertexto. (2001:97)

A concretização do virtual no gênero hipertexto ocorre, recuperando o exemplo dado, quando a interactante Cris comenta:

O nosso prefeito continua convencido de que blindar as escolas públicas municipais é a solução para a VIDA das crianças. Segundo o administrador do município do RJ, é uma pena ser caro blindar as casas das pessoas, pois, esta seria a solução do problema de violência. Diante disso, preciso, urgentemente, blindar os meus ouvidos, olhos e boca, para não ficar estressada. Mas nunca será blindado o meu senso crítico!

O comentário de Cris —seu «projeto de dizer»— não está circunscrito numa situação comunicativa «real» como, por exemplo, se este estivesse presente na seção destinada para leitores de qualquer jornal impresso. O seu comentário acontecena situação comunicativa «virtual» que é o *Facebook*, mas este passa a adquirir a qualidade de «real» porque os participantes desta «discussão» acionam o mesmo sistema cognitivo que é utilizado em situações discursivas reais, isto é, o conhecimento de mundo, o conhecimento linguístico e o conhecimento sociointeracionista. Isso torna muito tênue o que é real e virtual. Na verdade, o estilo, a temática e a estrutura composicional vão nos orientar para perceber as sutilezas existentes entre gêneros discursivos primário, secundários e o emergente terciário. Este vai elencar, de acordo com Tedesco (Simões, 2013:461) traços da modalidade oral e escrita, que estarão de acordo com a situação comunicativa (virtual) e com o propósito comunicativo do enunciado. Traços estes, assim, organizados:

- a} Modalidade oral:
 - { maior informalidade;
 - { presença da entonação;

- { interação face a face;
 - { maior aproximação;
 - { predomínio de orações coordenadas e absolutas.
- b) Modalidade escrita:
- { maior formalidade;
 - { presença da pontuação;
 - { interação a distância;
 - { maior distanciamento;
 - { predomínio de orações subordinadas e encaixadas.

A proposta de Tedesco (Simões, 2013) orienta para percebermos como se manifestam os gêneros discursivos emergentes digitais e hipertextuais. Sobre os gêneros emergentes Marcuschi e Xavier postulam:

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. (2010: 15/16)

72 { texturas 16

A versatilidade dos gêneros discursivos, que circulam no ambiente digital, leva-nos a querer tratar com mais profundidade sobre a natureza destes, pois, existem deduções com pouco aprofundamento teórico e analítico que costumam enquadrar as estratégias da oralidade ou da escrita nestas atividades discursivas, esquecendo, que estes gêneros digitais são hipermídias; de modo que conectam, concomitantemente, o textual, o auditivo e o visual. Componentes que, mais uma vez reforçamos, organizam o sistema hipertextual dos gêneros discursivos do contexto digital.

É fundamental sinalizarmos que estes gêneros digitais hipertextuais agregam em si um *continuum* de gêneros primários e secundários. Observe, há um *continuum* no uso de estratégias da modalidade oral e escrita nos gêneros discursivos do/no ambiente digital e este dado nos orienta a elencarmos a possibilidade de estarmos diante de um gênero terciário como orientam Xavier e Santos:

As novas tecnologias de comunicação, especificamente a Hipermídia e o seu produto linguístico mais significativo, o Hipertexto, possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero do discurso de terceira ordem, que, na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de GÊNERO TERCIÁRIO DO DISCURSO. (2000:53)

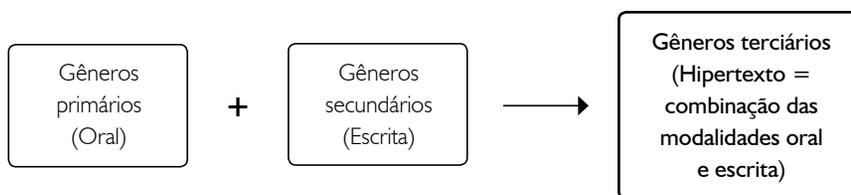
{ maria teresa
tedesco v. abreu y
cristina normandia }
{ a atividade
discursiva realizada
no Facebook }
{ pp. 58–75 }

A Figura 1 destaca a informalidade do texto ao ser usado os *emoticons*, para representar as emoções diante do assunto exposto: a interação a distância, mas com aproximação; Sequências textuais curtas, como o comentário de Sofia e a resposta de Cris para Sofia. Logo, este gênero terciário do discurso apresenta um diferencial que é agregar práticas de linguagem, agregar mídias e agregar pessoas, discursivamente. Isto é a comunicação em REDE. A comunicação que conecta, a partir da «quebra» da linearidade.

Assim, podemos propor, esquematicamente, uma visualização da relação dos gêneros discursivos terciários com os primários e os secundários:

Figura 5.

A relação dos gêneros terciários com os gêneros primários e secundários



Os gêneros discursivos terciários são do contexto digital, possuem um sistema hipertextual, o qual combina estratégias cognitivas e discursivas da modalidade oral e escrita, como, muitas vezes, observado. Bakhtin (2010:262) dialoga com o esquema proposto com a seguinte afirmação: «Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros discursivos». Não restando mais dúvidas que o hipertexto é um gênero discursivo emergente e o *Facebook* é a materialização do gênero discursivo hipertextual.

Considerações finais

Este é um tema inesgotável. Nestas palavras finais, propõe-se uma relação hipertextual porque não se pretende, de fato, uma conclusão ou até mesmo tecer considerações finais, como o título desta seção final se propõe. Pretende-se uma abertura para novos olhares para este tema de tão grande complexidade.

Para tanto, evoca-se Gérard Genette (1982) que trata os diálogos entre textos como relações de transtextualidade, a transcendência textual, tudo o que põe em relação um texto com outro texto. O autor subclassificou essas relações em cinco tipos. Interessa para estas palavras finais o último tipo denominado hipertextualidade.

Esta se diferencia por ser uma relação a que ele denomina de derivação. Para o autor, um texto é derivado de um outro texto por transformação simples, direta ou, de forma indireta, por imitação. Essa hipertextualidade abrigaria todas as situações em que um texto —fonte sofresse transformações, que ocorrem em diferentes níveis, derivando um outro texto.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) em seu texto Intertextualidade não adotam o termo postulado por Genette, justificando com Marcuschi:

O hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos como o jornal ou o livro, caracterizando-se muito mais como um tipo de escritura. Não tem uma super-estrutura determinada, nem é amorfo. É uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios não produzem uma ordem estruturais fixa, mas constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em séries de referências não contínuas e não progressivas. Considerando que a linearidade linguística sempre se constitui um princípio básico de teorização (formal e funcional) da língua, o hipertexto rompe esse padrão em alguns níveis. (1999:21)

Os estudos ora realizados sobre o gênero *Facebook* permitem que seja afirmado que a ordem estrutural da macro relação não é fixa, de fato, mas é localizada, entendendo sempre a relação entre o texto-base e o comentário sobre o mesmo. Neste sentido, permanentemente, podem ser abertos novos textos-base que se configuram nos tais hipertextos. Nestas aberturas sucessivas, o conceito de *derivação* se impõe para que se possam estabelecer as relações cognitivas e referenciais. Os textos são sempre derivados. Ousando discordar do eminente linguista, estas séries de referências não são contínuas entre si, como seções de um texto, porque as relações não são lineares. Também não são progressivas. Este contínuo se dá em micro estruturas textuais, formadas sempre pelo texto-base e pelo comentário, articulando, por conseguinte, uma coerência mais localizada.

Ainda urge estudos que demonstrem em que níveis ocorrem as rupturas dos padrões, mas, sem dúvida, novos padrões são formados, resta-nos saber como, por não existirem as co-presenças como na tradição da construção das modalidades oral e escrita da língua.

Referências bibliográficas

- Bahktin, M. (2010).** Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.
- Carvalho, N. e Kramer, R. (2013).** A linguagem no *Facebook*. In Shepherd, G. & Saliés, T.G. (Orgs.), *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto.
- Genette, G. Palimpsestes (1982).** *La littérature au second degree*. Paris: Seuil.
- Herring, S. e Saliés, T. (2013).** Piso conversacional e gêneros na CMC. In Shepherd, G. & Saliés, T.G., *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto.
- Houaiss, A.; Villar, M. de Salles; Franco, F.M. de Mello (2009).** Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Koch, I. (2002).** *Desvendando os Segredos do Texto*. Cortez Editora, São Paulo.
- Koch, I.; Bentes, A.C.; Cavalcante, M. Magalhães (2007).** *Intertextualidade: Diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez.
- Levy, P. (2010).** *Cibercultura*. 3ª edição. São Paulo: Editora 34.
- Marcuschi, L.A. (1999).** Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto./ Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação latinoamericana de Analistas do Discurso: Santiago: Chile.
- (2001). O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, 4(1), 79–111.
- Marcuschi, L.A. & Xavier, A.C. (Orgs.) (2010).** Hipertexto e gênero digitais: novas formas de construção de sentido. 3ª edição. São Paulo: Cortez.
- Recuero, R. (2014).** Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e rede sociais e redes sociais no *Facebook*. Verso e Reverso, XXVIII(68, maio–agosto), 114–124.
- Santaella, L. (2004).** *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.
- (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- (2014). Gêneros discursivos híbridos na era da hiperídia. *Bakhtiniana*, 9(2, ago./dez), 206–216. São Paulo.
- Santos, C.e Tedesco, M.T. (2015).** As Estratégias linguísticas e cognitivas que regem o internetês – a escrita em rede – nos comentários do *Facebook*. https://www.inf.pucrs.br/peg/jdp2015/artigos/147013_1.pdf
- Tedesco, M.T. (2013).** Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem. In Simões, D.M.P. (Org.), *Semiótica, Linguística e Tecnologias de Linguagem. Homenagem a Umberto Eco* (pp. 476–493). Rio de Janeiro: Dialogarts.
- Verón, E. (1980).** *A produção do sentido*. Trad. Brás. Alceu Dias. São Paulo: Cultrix.
- Xavier, A.C. e Santos, C. Ferraz (2000).** O texto eletrônico e os gêneros do discursivo. *Veredas – Revistas de estudos lingüísticos*, 4(1, jan./jun.). Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nota

¹Imagem retirada de www.raquelrecuero.com/arquivos/2011/08/para-que-se-pre.html (fevereiro de 2017).